

# Narrativas e transformações das andanças no trecho<sup>1</sup>

**André Dumans Guedes**

## Conhecendo o trecho no norte de Goiás

Em março de 2008, dei início ao trabalho de campo para a minha tese de doutorado em antropologia social na cidade de Minaçu, no norte de Goiás. Eu conhecera e me interessara por esse local anos antes, quando eu passara rapidamente por ali acompanhando alguns militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Na época, esses últimos buscavam organizar aqueles que haviam tido seu modo de vida transformado pelas três usinas hidrelétricas que, desde meados dos anos 1980, haviam sido construídas nos limites desse município.

Durante o meu trabalho de campo nesse local, entre 2008 e 2009, ao buscar entender como essas próprias pessoas atribuíam sentido ao lugar desses empreendimentos em sua vida, chamou minha atenção um certo conjunto de expressões usadas com bastante frequência por meus interlocutores. As expressões em questão estavam centralizadas em torno do substantivo “trecho”, usualmente se fazendo acompanhar de um verbo,

---

1 Uma versão anterior desse trabalho foi apresentada na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. Uma pesquisa financiada pelo CNPq sobre os efeitos sociais produzidos pela construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Chamada MCTIC/CNPq N° 28/2018) ofereceu contrapontos comparativos fundamentais para o argumento esboçado aqui, e a este órgão sou grato.

esse último podendo variar bastante: “sair”, “andar”, “cortar”, “sumir”, “rasgar”, “abrir” ou “viver no *trecho*”. Numa primeira aproximação, essas expressões sinalizavam o quão importante era, para essas pessoas, suas experiências de mobilidade – rodando para cima e para baixo, encarando a estrada, viajando ou trabalhando longe de sua terra natal ou família, constantemente mudando de cidade e ocupação. Então, com o tempo, fui percebendo o quão centrais e relevantes eram essas expressões para que elas pudessem falar de si mesmas, de sua vida e de seu mundo – incluindo aí tudo aquilo que foi desencadeado pela construção das barragens.

Isso fica evidente, por exemplo, quando lembramos que boa parte daqueles que conheci havia se envolvido, em Minaçu ou alhures, com o garimpo. “Garimpeiro é bicho que está sempre andando por aí, rasgando o trecho, pé na estrada...” – por incontáveis vezes, ouvi formulações como essas. Além disso, cabe ainda destacar que a ocupação sistemática do norte de Goiás onde está situada Minaçu é relativamente recente. Essa própria cidade surgiu nos anos 1960, e só no final dos anos 1970 se emancipou como município. A maior parte dos adultos que conheci aí nascera em outros locais, no próprio estado de Goiás ou no Maranhão, Piauí, Bahia, Tocantins ou Minas Gerais; e só depois mudaram-se para Minaçu. Muitos deles, de fato, chegaram àquela cidade para trabalhar na construção das usinas hidrelétricas. E como veremos adiante, suas experiências como “barrageiros”, na construção desses empreendimentos, também eram, em grande medida, narradas e significadas pelo recurso àquelas expressões evocando o *trecho*. Com o tempo, descobri que a mesma situação se passava com outros trabalhadores envolvidos com projetos de desenvolvimento diversos e outras grandes obras de construção de infraestruturas.

A menção a esse último dado é importante, porque foi pela referência a ocupações e atividades econômicas como essas que eu encontrei a única explicação para uma possível origem do termo *trecho*. Na sua autobiografia – sintomaticamente intitulada *Urrando no trecho. Recordações de um engenheiro de obras* – Corrêa (2007, p. 11) afirma que:

[Esse termo] vem das grandes e lineares obras de estrada onde é prática comum dividir-se o volume global de serviço em lotes, entregando-os a várias empreiteiras [...] [que ficam responsáveis por diferentes] frentes, ou trechos, da obra. É comum, num casual encontro entre operários que constroem uma mesma rodovia, a pergunta: ‘Em que trecho você está?’, seguindo-se a resposta que identifica a empreiteira responsável pelo mesmo e os quilômetros que limitam sua faixa de atuação. O termo Trecho extrapolou suas iniciais fronteiras e como se todo o Brasil fosse um imenso canteiro de serviços, passou a designar todas as grandes obras e os homens que as executam, os peões do Trecho, nômades por excelência e necessidade.

Será esse termo que irá nos guiar ao longo deste capítulo. Na próxima sessão, apresentarei uma situação etnográfica onde, longe de Goiás, também nos deparamos com referências a essas andanças no *trecho*, num contexto que é, à primeira vista, similar. A partir daí, e através das histórias que me foram contadas por um rapaz chamado Walmir, encontro a oportunidade para pensar, nos itens subsequentes, o próprio lugar, no trecho, das narrativas, estórias de vida, saberes e descrições realizadas por meus interlocutores.

## Com Walmir, no interior de Minas Gerais

Uma década depois, em meados de 2019, em mais uma de minhas viagens pelo interior do país, voltei a me encontrar com referências a esses universos e ao trabalho na construção de estradas, assim como me deparei novamente com narrativas que evocavam esse mesmo termo – o *trecho*. Dessa vez isso ocorreu em Minas Gerais, nas proximidades dessa cidade de Ouro Preto onde eu mesmo fui criado. Nessa ocasião eu acompanhava uma equipe de pesquisadores interessados em conhecer os efeitos da atividade mineral na região, e percorríamos a carro uma série de pequenas localidades que – no Quadrilátero Ferrífero, na mesma região do Estado onde, em 2015 e 2019, romperam as barragens de resíduos de Fundão e Brumadinho – en-

contravam-se nas vizinhanças de grandes mineradoras. Da traseira do carro onde estou, ouço então um comentário que prontamente chama minha atenção – ela própria já condicionada, ao longo de todos esses anos, a focar naqueles temas que, surgindo na minha carreira a partir do que aprendi em Minaçu, permanecem centrais no meu trabalho como etnógrafo:

Uai, parece que eu conheço esse pedaço aqui. Ah, mas conheço sim! Trabalhei aqui já! Vários anos atrás, passei uns três meses construindo essa mesma estrada em que passamos agora. Ali ficava o escritório da firma... E era logo mais ali atrás, naquele povoado em que acabamos de passar, que a gente ficava hospedado. Agora me lembro!

O comentário não foi proferido por nenhum dos pesquisadores da equipe, mas por Walmir, um rapaz que crescera na periferia de Belo Horizonte e que, então, beirando seus 30 anos, havia sido contratado por eles para cuidar dos equipamentos de filmagem durante a viagem. De pronto manifestei meu interesse pelo que ele havia passado ali, explicando a Walmir que eu escrevera um livro que tratava de pessoas que viveram experiências feito a dele, convivendo com empreendimentos daquela natureza ou neles trabalhando por algum tempo; um livro que tratava de pessoas que rodavam o *trecho*. Como que se antecipando ao que eu planejava lhe propor, Walmir respondeu que tinha, sim, muitas histórias e coisas relevantes a dizer sobre o *trecho*, e que seria ótimo se eu fizesse uma entrevista com ele mais tarde, num lugar mais calmo, com o gravador ligado, a gente bebendo tranquilamente uma cerveja.

Naturalmente fiquei satisfeito com a possibilidade de ouvir e registrar uma narrativa como essa; mas, não fiquei exatamente surpreso com o aparecimento dessa oportunidade. De fato, ao longo dessa década que separa o período de meu trabalho de campo em Minaçu dos dias atuais, por diversas ocasiões pude me deparar com menções e relatos fazendo referência ao *trecho* – não apenas em Goiás, mas em outras áreas onde realizei trabalhos de campo durante esse período, em canteiros de obra e alojamentos de

trabalhadores construindo estradas em Minas Gerais ou em empreendimentos associados ao Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj)<sup>2</sup>. Registrando, analisando e comparando as diversas narrativas sobre o *trecho* que surgiram em meu caminho, nesses locais e ao longo dos anos, eu fui capaz de identificar certas recorrências e padrões. E nos três dias que passei ao lado de Walmir – junto à equipe de pesquisadores, e antes de eu realizar a entrevista com ele – pude ouvi-lo contando para nós todos diversos episódios que pareciam encaixar-se à perfeição nesses “padrões”.

Ao longo desses três dias, Walmir nos contou sobre esse período em que sua vida estava marcada pela alternância entre o canteiro de obras, o alojamento na pequena comunidade próxima e os momentos de folga, quando ele voltava para casa ou *curtia* em Conselheiro Lafaiete, Ouro Branco ou Barbacena, cidades maiores nas redondezas de onde construía a estrada. Ele mencionou igualmente os conflitos que teve com uma encarregada particularmente cruel e exigente, com quem ele se desentendera inúmeras vezes e que, ao fim e ao cabo, foi quem o fez abandonar aquele trabalho. Walmir evocou também o quanto valorizara, no *trecho*, o convívio com outros “povos” com seus diferentes “modos” e “sistemas” – feito aquela gente que tinha vindo do Norte de Minas para trabalhar na mesma obra. Esses diferentes “modos” e “sistemas” evidenciavam-se, por exemplo, nas formas como era gasto o dinheiro obtido na obra: no caso de Walmir, ele o gastava praticamente todo em farras, bebidas e artigos de luxo; no caso dos “mineiros”, eles poupavam e continham seus gastos para que a maior parte dos recursos fosse enviada para suas famílias nas suas terras natais.

Eram episódios e histórias feito esses que eu imaginava que Walmir fosse recapitular quando estivéssemos a sós, nós dois com o gravador. Como

---

2 Veremos adiante, com mais calma, como a literatura acadêmica confirma essa difusão geográfica do termo, que se faz presente – por exemplo – entre os maranhenses trabalhando nas plantações de soja do Mato Grosso (RUMSTAIN, 2009) ou nos garimpos e “territórios da prostituição” (TEDESCO, 2015) no Pará.

já indiquei, eles remetiam a alguns tópicos que, ao longo de uma década colhendo depoimentos dessa ordem, eu identificava como recorrentes nessas “estórias sobre o trecho”: os confrontos e tensões com padrões (GUEDES, 2013b; ALMEIDA, 2015); as moralidades envolvidas no consumo dos recursos aí adquiridos (COHEN, 2011; GUEDES, 2014, 2017; PARRY; BLOCH, 1989); o amadurecimento pessoal propiciado pela vivência, longe da família e do lar, de agruras diversas (RUMSTAIN, 2009; GUEDES, 2012) ou do convívio com pessoas e modos de vida diferentes (VIEIRA, 2015; GUEDES, 2020). Eu já sabia também como essas pessoas valorizam a importância de falar sobre suas andanças: tão importante quanto o rodar o trecho é falar sobre ele, contar sobre as coisas vistas e vividas, significar e lembrar essas experiências pela sua narração e compartilhamento (RUMSTAIN, 2009; VIEIRA, 2015; GUEDES, 2020). Com Walmir, as coisas não pareciam diferentes a esse respeito. E como em outras ocasiões, eu planejava usar a entrevista para recuperar em mais detalhes eventos que não me eram de todo desconhecidos, o gravador e o contexto de uma entrevista formal me oferecendo a possibilidade de um registro complementar e mais detalhado do que aquele que eu possuía nas notas em meu caderno de campo.

Dessa vez, porém, eu estava enganado. Na conversa regada a cerveja que tive com Walmir após nossa viagem, o que ele tinha a me contar a respeito do *trecho* eram experiências bem diversas daquelas que eu esperava.

## Uma estória do trecho

Para mim, logo ficou claro que, do ponto de vista de Walmir, contar aquela história não era algo banal. Repleto de cerimônia, Walmir marcou uma hora comigo em que pudéssemos estar a sós, numa mesa isolada da pensão em que nos encontrávamos, após a maior parte dos hóspedes ter já se recolhido. Um pouco mais cedo, ele colocara para gelar algumas (muitas, na verdade) cervejas, de qualidade e preço superior às que costumávamos beber usualmente; e providenciara também alguns aperitivos. Assegurando-se de que o gravador estava funcionando e com tudo o mais pronto, ele pôde,

enfim, relatar-me essas “histórias do trecho” que pareciam lhe dar tanto prazer em compartilhar comigo.

Por volta de 2012 ou 2013, Walmir passou um período “na rua”, dormindo em praças e na casa de conhecidos, circulando entre Belo Horizonte e Betim. Foi nessas circunstâncias que ele conheceu Bruno, rapaz um pouco mais novo que ele. Os dois se entenderam bem, e andaram juntos “na rua” por um tempo até que um dia Bruno lhe fez uma proposta. Esse último queria visitar o Rio de Janeiro – Walmir não queria ir junto com ele? Nenhum dos dois tinha o dinheiro para a passagem, mas isso estava longe de ser um problema para Bruno. E foi a partir desse momento que Walmir foi se dando conta de que Bruno tinha habilidades e conhecimentos não triviais, e que lhes possibilitariam sim chegar ao Rio de Janeiro. Bruno “sabia tudo de trecho”: sabia como arrumar um dinheiro rápida e prontamente, em qualquer canto em que se encontrassem. Sabia como providenciar transporte sem custos, recorrendo a caronas ou a passagens distribuídas de graça por prefeituras e órgãos de assistência social. Sabia também conversar com as pessoas, em certas ocasiões usando sua boa lábia para convencê-las de que ele merecia ser ajudado; em outras, ele *mangueava* – recorrendo a estórias e dramatizações para obter os recursos de que necessitasse. Além disso, nas suas andanças Bruno conhecera diversos dos caminhos e meios que conectavam Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, bem como inúmeras pessoas morando, trabalhando ou circulando por aí: gente *do trecho*, gente *no trecho*.

Sem muitas dificuldades, os dois conseguiram uma carona do centro de Belo Horizonte até um posto de gasolina na beira da rodovia. Ali, beberam por horas e, já embriagados, se viram diante de um caminhão carregado, com a placa do Rio de Janeiro. Sem muita hesitação, os dois se enfiaram debaixo da lona, junto às imensas peças metálicas ali transportadas, e adormeceram. Foi só no dia seguinte, quando despertaram ao amanhecer, no caminhão, que eles se deram conta de seu equívoco. A placa do caminhão certamente não indicava seu destino, e eles perceberam que estavam dentro do pátio de uma mineradora. Assustados, sabendo que poderiam ser presos se descobertos ali, os dois conseguiram sair sem ser vistos, e após algumas

horas de caminhada conseguiram voltar à estrada. Bruno identificou o local onde estavam, e prontamente comunicou a Walmir uma mudança de planos. “Não vamos mais para o Rio de Janeiro não. Já estamos aqui nessa estrada, vamos para Baixo Guandu, no Espírito Santo! Minha mãe mora lá!”.

Num posto de gasolina mais à frente, eles *manguearam* e conseguiram o dinheiro para chegar até a cidade de Itabirito. Ali, lançando mão dos conhecimentos de trecho de Bruno, procuraram o serviço de assistência social do município, onde seria possível obter uma passagem de ônibus gratuita até Ponte Nova, no caminho para o Espírito Santo. Mas os funcionários do escritório lhe disseram que só havia passagem até Ouro Preto, algumas dezenas de quilômetros adiante. Bruno recusou, inflexível em sua demanda: eles queriam ir até Ponte Nova, e não aceitariam dirigir-se a outro lugar. Decidiram, então, procurar uma igreja evangélica; depois uma católica, onde conseguiram comida e bem-vindos agasalhos para suportar o frio do meio do ano. Após uma noite passada na rodoviária, decidiram tentar um “junta-junta” dentro do próprio ônibus para prosseguirem: “Gente do ônibus, muito boa tarde! Estamos precisando de um dinheiro para ir até Ponte Nova. Vocês podem ajudar a gente?”.

E foi assim que Walmir e Bruno chegaram até essa cidade. De modo análogo, eles recorreram a toda uma diversidade de pedidos, *mangueios*, estórias, astúcias e pequenas infrações para prosseguirem com seu caminho. Sabendo da proximidade das eleições municipais, ficava ainda mais fácil conseguir qualquer coisa junto a órgãos de assistência social, prefeitos, vereadores ou pretendentes a esses cargos. Além disso, Waldir aprendeu com Bruno que junto a igrejas católicas e evangélicas, instituições de caridade ou ONGs, era relativamente simples conseguir alguma ajuda<sup>3</sup>. Even-

---

3 Abaixo considerada com mais detalhes, a literatura que trata de experiências desse gênero é pródiga em exemplos relativos às interações entre os *trecheiros* e instituições feitas nessas. Em primeiro lugar, pela relevância dos trecheiros enquanto objetos de políticas públicas ou de práticas de assistência social de uma forma mais geral – eles revelam-se assim um caso heurísticamente rentável para a explicitação de certos traços fundamentais dessas últimas. Num outro registro, referente à operacionalização do trabalho



tualmente, as ajudas não surgindo como o esperado, a ameaça de “pintar o sete” na cidade sensibilizava alguns dos moradores ou órgãos locais, interessados em fazer com que aqueles forasteiros saíssem dali.

## Duas literaturas

Fica já evidente, a partir das breves indicações acima, que as práticas e os sentidos das andanças de Walmir são bastante diferentes daquelas associadas à experiência profissional dos trabalhadores de grandes projetos de desenvolvimento. Fica claro, por outro lado, que algumas conexões e analogias entre umas e outras não apenas podem como *devem* ser traçadas. E o que nos leva nessa direção é a própria categoria *trecho*, e o fato de que os vocabulários e as moralidades a ela associados comunicam e aproximam esses diferentes contextos onde elas aparecem. Para tanto, nesta seção, quero apresentar algumas das discussões presentes na literatura acadêmica a respeito do termo *trecho*. Recupero aqui a própria revisão bibliográfica que realizei para minha tese de doutorado (GUEDES, 2011, 2013a) – realizada bem antes, portanto, de conhecer Walmir. Sem sombra de dúvida, houve um incremento considerável da literatura tratando desse tema ao longo da última década, mas não é meu propósito tratar exaustivamente dela aqui. Quero antes propor uma releitura do meu próprio texto a partir daquilo que Walmir vivenciou e me narrou.

Em Guedes (2011, p. 178), afirmo assim que

[...] o termo *trecho* [podia] ser encontrado em dois conjuntos diferentes de textos. Tratando de temas e pessoas distintos, os autores de um e outro destes dois conjuntos pouco ou nada dialogam entre si, a julgar pelas raras vezes em que eles são citados uns pelos outros.

---

de campo e a coleta de informações sobre esses grupos, essas instituições revelam-se também relevantes: pois foi a partir delas, e em grande medida atrelada às preocupações e aos pontos de vista daí oriundos, que a maior parte destes pesquisadores teve acesso aos dados e depoimentos daqueles que estiveram no *trecho*.

De um lado, tínhamos uma literatura centrada em torno da questão do trabalho migrante (ou “móvel”, ou “itinerante”, ou “volante”) associado ao que os autores em questão costumavam denominar de “grandes obras” ou “projetos de desenvolvimento” (empreendimentos agropecuários, mineradoras, siderúrgicas, usinas hidrelétricas, obras de infraestrutura), sobretudo no que diz respeito ao centro-norte do país. A título de exemplo, evoco o mais antigo dentre os textos que encontrei, a dissertação de mestrado de Sônia Magalhães, defendida na Universidade Federal da Bahia em 1983 e emblematicamente intitulada “*Gente de toda paragem. Um estudo sobre uma população afluyente numa grande obra*”. Tratando do processo de construção da usina hidrelétrica de Sobradinho, no Rio São Francisco, Magalhães (1983, p. 109) refere-se ao “peão do trecho” como sendo “[...] fundamentalmente aquele que, se deslocando de obra em obra, em locais diferentes, vive de ‘trecho’ em ‘trecho’”. A menção a essa autora interessa também porque ela se dedicou ao mesmo tipo de empreendimento que eu estudava: barragens e usinas hidrelétricas.

Retomando uma tradição cujas origens remontam àqueles “nômade do proletariado” mencionados por Marx (1988, p. 215), e que frutificou no Brasil a partir dos trabalhos de Leite Lopes (1979), Ribeiro (1988, p. 211) ajuda-nos a entender a relevância da questão da mobilidade espacial do trabalho no que se refere às obras de construção civil destes grandes empreendimentos:

*As we know, spatial mobility is a central specificity of the engineering industry, since the mobility of investments induces the rotation of the labor force. Migrant labor is thus directly associated with this industrial branch. This is especially evident when construction is being done in isolated areas. Every time a new job begins in isolated areas, contractors have to transfer manpower and equipment to the new working site.*

Na pesquisa bibliográfica em questão, as menções ao “trecho” ou aos “peões do trecho” apareciam associadas também a outros empreen-

dimentos e situações: em Souza (1990), ao caso dos subcontratados para a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Pará; em Antonaz (1995), ao Projeto Albrás-Alunorte, dedicado à produção industrial de alumínio, também no Pará; em Esterci (1985), o “trecho” vincula-se a um projeto de colonização no nordeste do Mato Grosso. Também focando em empreendimentos agropecuários, Martins (1988), Figueira (2004) e Costa (2008) abordam os “peões do trecho” como vítimas por excelência do trabalho escravo no Mato Grosso, Pará, Bahia, Goiás, Maranhão e Piauí. Na mesma direção, e na mesma época em que eu realizava a pesquisa para meu doutorado, Rumstain (2009) investigava os “peões no trecho” maranhenses que, sazonalmente, deslocavam-se para as plantações de soja no Mato Grosso.

Mas, como indiquei acima, nessa pesquisa bibliográfica deparei-me também com um outro conjunto de textos que, à época, pareciam-me dificilmente relacionáveis com aqueles apresentados acima. Nesse segundo caso, eu lidava com uma série de trabalhos realizados por psicólogos, assistentes sociais, sociólogos e antropólogos, que mais que fazer referência ao “trecho” privilegiavam o estudo dos “trecheiros”: Justo e Nascimento (2005), Peres (2002), Garcia *et al.* (2008), Araújo (2004), Magnani ([s. d.]); Brognoli (1996, 1999); Nascimento (2008); Mendes (2007).

Os trecheiros seriam, grosso modo, andarilhos de estrada, encontrados em São Paulo e no sul do país, “passando pelas cidades sem nelas se fixar” (MENDES, 2007, p. 13), “[...] caminhando solitariamente pelos acostamentos das rodovias com um saco às costas onde carregam todos os seus pertences” (NASCIMENTO, 2008, p. 42). Os contornos de sua autodefinição permitiriam diferenciá-los de outros grupos com quem frequentemente eram confundidos. Para Brognoli (1999, p. 63), é o que ocorre com a oposição entre “trecheiros” e “pardais”, visto que os últimos “[...] adotam, geralmente, percursos estabelecidos e relativamente pequenos, dentro de uma mesma cidade ou entre cidades próximas, se comparados aos trajetos dos *trecheiros*, que se verificam amplos e não planejados”. Já no albergue estudado por Garcia *et al.* (2008, [s. p.]), três tipos de “usuários” são distinguidos: “‘morador de rua’ (aquele que não se adapta mais a um estilo de

vida rigoroso e disciplinado), o ‘migrante’ (aquele que viaja com toda a família em busca de emprego, procurando habitualmente trabalhar no corte de cana ou de caseiro em chácaras) e o ‘itinerante’ (aquele que transita de cidade em cidade, que ‘vive do expediente de itinerante’). Para estes autores, são estes últimos, os itinerantes, que se definem como “trecheiros”. Num estudo sobre “moradores de rua”, Mendes (2007, p. 20) selecionou os seus entrevistados em função dos “critérios de classificação da população de rua criados pelos próprios moradores”, escolhendo assim: três “trecheiros”, três “[...] maloqueiros (moradores de rua que moram em casas improvisadas)” e três “caídos (moradores de rua que estão em avançado estado de degradação física)”.

## Histórias e Saberes do Trecho, e no Trecho

A maioria das diferenciações acima apresentadas – referentes a categorias nativas de autoidentificação ou à terminologia com que operam agências do Estado – colocam-se num plano sincrônico. Numa rápida passagem, porém, Mendes (2007, p. 84) faz um comentário sugestivo, ao trazer para o primeiro plano a trajetória dos indivíduos e comentar que “[...] é comum que os trecheiros tenham sido, e eventualmente sejam, ajudantes de caminhoneiro, vendedores ambulantes, garimpeiros, trabalhadores rurais, peões de obra etc.”. De fato, e como o exemplo de Walmir – trabalhador numa época, “andarilho” em outra – deixa claro, uma trajetória pessoal oferece uma primeira forma possível de articular ou relacionar esses dois diferentes contextos em que aparecem o *trecho* e os *trecheiros*.

Numa direção análoga, que traz para o primeiro plano essa articulação diacrônica entre diferentes contextos e experiências, sugeri em outras ocasiões (GUEDES, 2013a, 2020) que os relatos a respeito de experiências do trecho prestam-se bem para a expressão de histórias de vida, sobretudo aquelas em que está em jogo a narrativa de como alguém se tornou viúvo, maduro ou experiente. As andanças e as múltiplas atividades nelas realizadas aparecem, então, como formadoras da pessoa, verdadeiros ritos

necessários para que alguém cresça, se desenvolva, e possa entender de fato o que é “o mundo”, “a vida” ou “a realidade” (WOORTMANN, 2009; SCOTT, 2009). As narrativas dessas histórias conectam contextos e ocupações aparentemente heteróclitos; e objetivam assim evidenciar, tanto para o ouvinte como para quem narra,

[...] como alguém veio a tornar-se o que é, via uma sucessão de aventuras e desventuras que nos revelam os caminhos desse processo de desenvolvimento pessoal. [...] Nessas histórias, a enumeração – às vezes, incrivelmente longa – dos locais e situações onde alguém residiu tem um efeito narrativo preciso: a sucessão desses últimos funciona como índice dos múltiplos passos, etapas ou desafios enfrentados nessa caminhada rumo ao aprendizado ou amadurecimento, bem como dos esforços necessários para tanto. (GUEDES, 2020, p. 34).

É também assim que o “trecho ensina” (RUMSTAIN, 2009), oferecendo a alguém a oportunidade de encarar a dureza da “realidade”, ou de ver como são cruéis, perigosas e injustas as coisas do “mundo”. Nesse sentido, poderíamos evocar para esses casos a ideia de “carreira moral” de Goffman (2001),

[...] antes de mais nada porque o termo “carreira”, para além das conotações pretendidas por esse autor, tem também o sentido de “caminho” ou “estrada”. Isso nos possibilita reforçar as correlações [...] entre os deslocamentos espaciais e a “trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida” (Goffman, 2001, p. 111), o que exprime bem uma imagem bastante cara às pessoas de que trato aqui: a da vida pensada como caminho. [Assim], [...] o afastamento da família e da terra natal é necessário não apenas para que [os] jovens [...] adquiram a autonomia que diferencia as crianças dos adultos. A ele está associada igualmente a vivência de sofrimentos e dificuldades concebidos como fundamentais para a formação de uma pessoa. (GUEDES, 2020, p. 34-35).

O *trecho*, pelo que aprendi ao longo de uma década de pesquisa, permite a existência e estruturação dessas narrativas centradas numa história de vida ou de formação, tal como num *Bildungsroman* (“romance de formação”) – ver Guedes (2020, p. 34).

Mas seria isso, de fato, o que está em jogo na narrativa de Walmir? Afinal, ele insistira várias vezes que o que tinha para me contar eram “histórias do trecho”. Além disso, a própria narrativa que ele tanto queria me contar estava sugestivamente enquadrada – e aqui mais uma vez podemos evocar Goffman (1974), o da *Frame Analysis*: seu início e fim estavam bem delimitados, evidenciando que aquela era, sobretudo, a história de *uma* viagem. É importante seguir essa pista para deixar claro, desde já, que essas narrativas de vida ou de amadurecimento estão longe de esgotar aquilo que se conta a respeito do trecho, ou através dele. Meu objetivo, de fato, é sinalizar como o *trecho* permite – e se constitui por – complexas imbricações entre saberes, estórias e andanças diversos; os agenciamentos enredando esses últimos são, assim, múltiplos e variados.

Consideremos, em primeiro lugar, a diversidade de narrativas e os modos de falar sobre o *trecho*, bem como as circunstâncias que favorecem o surgimento desse ou daquele modo. Em Guedes (2020) tratei dessas “modalidades particulares de narrar e falar” a partir da ideia de “regimes de signos”, inspirando-me aí na insistência de Deleuze e Guattari (1997) no fato de que a consideração dos “signos” ou da “linguagem” não pode ser feita independentemente dos agenciamentos concretos que os atualizam. Assim, estamos diante não apenas de diferentes temas nas narrativas das mobilidades, “mas também de certas situações que convidam ou estimulam meus interlocutores a falarem deles de determinado modo, e em função de determinadas posições, perspectivas ou experiências” (GUEDES, 2020, p. 31). Um exemplo dessas diferenças entre regimes de signos pode ser encontrado no contraponto que certas “comparações” nativas oferecem

àquelas “narrações” de histórias de vida e de amadurecimento<sup>4</sup>. Note-se que, na situação etnográfica apresentada adiante, são também as transições e passagens entre esses diferentes regimes – a “comparação” e a “narração” – o que está em questão.

O etnógrafo ouve atento a narrativa das andanças de seu interlocutor. Como este último, ele está emocionado com todas as paixões, dificuldades e aprendizados que perpassam as aventuras e desventuras que essa pessoa enfrentou no trecho. Mas outra pessoa acabou de chegar, e eles não se encontram mais sozinhos. Ao que parece, tem mais gente querendo participar dessa conversa. “Eu também conheço histórias de gente que roda o trecho, eu rodei também!”, exclama esse vizinho que se aproxima e senta-se conosco [...]. Aquela narrativa longa e emocionada agora cedeu lugar a esse bate-papo barulhento e repleto de brincadeiras e provocações, em que os interlocutores velozmente revezam suas falas, frequentemente se interrompendo e disputando o protagonismo da conversa. [...] Agora já não há mais espaço para aquele narrador que se aproxima da descrição clássica de Walter Benjamin (2012, p. 214), o que recebe atenção, silêncio e respeito em função de sua singular condição de “quem viaja [e] tem muito a contar”. Afinal de contas, o novo agenciamento se configura por um diálogo em que todos os presentes andaram e rodaram, todos assim tendo conhecido o mundo e possuindo algo a dizer sobre ele. (GUEDES, 2020, p. 35).

Nesse último caso, em que diferentes pessoas “comparam” numa mesma conversa suas andanças, seus saberes e suas capacidades narrativas, estamos muito próximos daquela “agonística” que Comerford (2003, p. 23) identificou como traço marcante dos “comportamentos” e “narrativas de eventos” que ele encontrou entre famílias camponesas na Zona da Mata de Minas Gerais. Tal termo, para esse autor,

---

4 Não tenho espaço aqui para apresentar o terceiro regime de signo que examino nesse trabalho, onde além do “narrar” e “comparar” considero também o “maldizer” as andanças e o *trecho*.

[...] evoca a centralidade da luta ou combate, que por um lado é inerente à vida, e ao mesmo tempo possui uma dimensão de arte, tanto no sentido de espetáculo ou dramatização pública como de técnica que pode ser julgada e apreciada publicamente pelos que as praticam e conhecem. (COMERFORD, 2003, p. 23).

A referência a Comerford (2003) interessa também pela sugestão do quão rica pode ser uma análise antropológica – ou seja, etnográfica e comparativa – desses múltiplos regimes de signo, não apenas no interior de um mesmo campo (o que fiz no trabalho citado acima) como entre diferentes universos. Muito rapidamente, então, pensemos naquelas “narrativas dos pioneiros” presentes nas “concepções de origem” dos fundadores e colonizadores de municípios do norte do Mato Grosso e do sertão de Pernambuco, brilhantemente comparadas por Marques (2013); ou nos “causos” dos buraqueiros do norte de Minas Gerais, que “não narram nem pretendem narrar histórias de vida ou biografias”, sendo antes “dispositivo[s] de circulação e mapeamento de pessoas” (CARNEIRO, 2014, p. 463–464). E já que andamos por essas terras, não custa lembrar que romancistas mineiros como Guimarães Rosa e Oswaldo França Jr. exploraram também certos recortes “de classe” diferenciando e especificando regimes de signo, no sentido aqui evocado: um trabalhador ou camponês, ao falar sobre suas andanças e desventuras, o faz em modos, velocidades e agenciamentos distintos se seu interlocutor é um “igual” ou um homem de condição social e educacional superior (escritor, cientista, jornalista – ou, claro, antropólogo) (GUEDES, 2013b).

Mas é preciso lembrar que essa dimensão de “arte” ou “dramatização pública” evocada por Comerford (2003) não é relevante apenas no que concerne aos relatos a respeito *do* trecho, em narrativas feitas daquela que Walmir me apresentou. Ela remete também a certos saberes e práticas que são fundamentais para que alguém possa viver e permanecer no *trecho*. Reitero, assim, que o *trecho* permite – e se constitui por – complexas imbricações entre saberes, estórias e andanças diversos; os agenciamentos



enredando esses últimos sendo, assim, múltiplos e variados. Permaneço inspirado, para tanto, pelas formulações de Tim Ingold (2011, p. xii), que insiste que

*[...] to move, to know and to describe are not separate operations that follow one another in series, but rather parallel facets of the same process – that of life itself. It is by moving that we know, and it is by moving, too, that we describe.*

Alguns parágrafos acima, destaquei já um primeiro aprendizado associado ao *trecho* e às narrativas do que aí se passa, ao tratar daquele “amadurecimento” epitomizado por esse dito tão disseminado – “o trecho ensina”. Mas, nas situações que nos são apresentadas por Walmir, os conhecimentos privilegiados por ele são de outra natureza, remetendo antes a algo da ordem de um *know-how*. Assim, Walmir me falou sobre como, naquele período no *trecho*, ele pôde aprender algo sobre tudo isso tão necessário a quem pretende se embrenhar por esses caminhos e aventuras: a importância de “saber andar” – saber se virar, saber se virar sozinho; saber quando estão tentando te enganar; saber enfrentar a saudade de casa ou da família; saber proteger seus pertences pessoais; saber preservar e manter em bons termos a relação com seu parceiro de viagem, saber quando é o momento de rompê-la; saber improvisar; saber lidar com pessoas e modos de vida diferentes, saber conviver com elas e criar aliados; saber “se manter”, saber arrumar um dinheiro; saber beber e se drogar “sem chapar demais”; saber providenciar pequenos confortos diante das adversidades e intempéris da estrada (GUEDES, 2013b).

Dentre todos esses saberes, aprendizados e *skills* (INGOLD, 2000), um em especial merece ser destacado: o que Walmir chama de “saber conversar”. Numa primeira aproximação, essa habilidade associa-se à capacidade de narrar essas histórias que, como já sugerido, funcionam como uma espécie de combustível: algo que viabiliza o contínuo deslocar-se de pessoas como ele e Bruno. Num ônibus lotado, em bares e feiras, diante de assistentes sociais ou religiosos, são sobretudo as histórias contadas por

eles o que lhes assegura os recursos para que eles possam comer, beber ou drogar-se – e, acima de tudo, para que possam prosseguir no seu caminho, seja através de passagens ou do dinheiro para comprá-las. Daí a insistência de Walmir na importância do *mangueio*, procedimento que recebe atenção também pelo que é provavelmente o melhor etnógrafo dessas modalidades de percorrer o *trecho* (BROGNOLI, 1996, p. 136):

Outra tática bem-sucedida é o pedido ou *mangueio*, que revela, por trás de suas técnicas, uma compreensão articulada dos códigos capazes de sensibilizar o doador. Também chamado *achar-que*, ou ainda de *um-sete-um*, consiste em contar uma história de cunho dramático ou de enfatizar a situação de sofrimento pela qual está passando, onde o elemento principal é a verbalização.

Aqui, é tentadora a articulação dessas práticas, saberes e *skills* às experiências dos *hobos* e andarilhos e norte-americanos, celebrizadas, por exemplo, pela obra do romancista Jack London (ele próprio alguém que experimentou a estrada assim):

O vagabundo de sucesso deve ser um artista. Precisa criar, de forma espontânea e instantânea (sem recorrer a algum tema tirado da própria imaginação), uma narrativa sobre algo que vê no rosto de quem abre a porta, seja homem, mulher ou criança, simpático ou antipático, generoso ou sovina, bondoso ou perverso, judeu ou pagão, negro ou branco, racista ou fraternal, provinciano ou cosmopolita, ou qualquer outra coisa. Muitas vezes, penso que devo meu sucesso como escritor a esse treinamento dos meus dias de vagabundo. Para conseguir um prato de comida, me via obrigado a contar histórias que soassem verdadeiras. (LONDON, 2008, p. 30).

Enfatizando que seu “sucesso como escritor” se deve a seus “dias de vagabundo”, London (2008) nos estimula a atentar para as continuidades relacionando o “saber conversar” no *trecho* (o *mangueio*, por exemplo)

com o “saber conversar” *sobre o trecho* (a narração que Walmir me ofereceu a respeito dessa experiência).

Concluindo, ou prosseguindo...

Nas estórias de Walmir, o *trecho* aparece como povoado por pessoas e coletivos os mais diversos, interagindo por vezes de modo ocasional, por vezes de modo mais recorrente. Caminhoneiros, mecânicos, chapas<sup>5</sup>, policiais, prostitutas, atendentes de postos de gasolina e estabelecimentos anexos a eles, *hippies*, malabaristas, músicos, engenheiros e trabalhadores de mineradoras ou da construção civil, funcionários das concessionárias rodoviárias e das prefeituras, vendedores ambulantes, traficantes de drogas, fugitivos da lei, religiosos e profissionais de assistência social, ex-presidiários... Gente *do* trecho, gente *no* trecho, pessoas que simplesmente passavam por ali, ou moravam acolá. Evidenciar a “interação” entre eles é relevante também como um contraponto àquelas articulações diacrônicas que, acima, eu associara às ideias de trajetória, carreira ou estória de vida. Conheço o suficiente da vida de Walmir para saber que, em algum momento de sua vida, ele se dedicou a algumas daquelas “ocupações” ou “atividades” acima listadas. Ao encará-las numa chave sincrônica, o que vem ao primeiro plano são essas interações, o convívio e a coexistência – a convivência – das pessoas associadas a elas em certos contextos e espaços. Essa convivência parece-me relevante para compreendermos como esses saberes, estórias, práticas e valores associados ao trecho, se difundem e se disseminam – o que nos ajuda a compreender, por exemplo, a existência daquelas duas literaturas que, nas ciências sociais, tratam do *trecho*.

Mas, de modo ainda mais relevante, essa coexistência sincrônica e horizontal ajuda-nos a entender em que consiste a natureza “intensiva” ou

---

5 Trabalhadores que ficam à beira da estrada oferecendo seus serviços para caminhoneiros, sobretudo para descarregar as carretas.

“micropolítica” do *trecho*<sup>6</sup>. Antes de ser um “mundo”, um “universo”, um “espaço” ou um “domínio”, o *trecho* é onde se entrecruzam e se enredam os movimentos de todas essas pessoas – via linhas que remetem não somente a corpos que se deslocam no espaço mas às vidas desses que se aí encontram, e às estórias através das quais eles falam, pensam e prosseguem com esses movimentos. O duplo sentido do verbo “enredar” nos ajuda aqui, evocando tanto o entrelaçamento de linhas que se cruzam numa rede ou trama como as práticas criadoras de “enredos”, estórias (INGOLD, 2011). Estórias relativas a jornadas, estórias que têm também o objetivo de ludibriar e iludir (outro sentido do verbo “enredar”!), de modo a que as jornadas – produzidas pela imbricação de movimentos, saberes e histórias – possam prosseguir...

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Hugo Pinto de. *Tudo não é por acaso: exploração, greves, sindicatos surpreendidos e a saúde dos trabalhadores do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro*. 2016. Dissertação (Mestrado em em Saúde Pública) – Programa de Pós-graduação em Saúde Pública Sérgio Arouca, Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.

ANTONAZ, Diana. *Na escola dos grandes projetos. A formação do trabalhador industrial na Amazônia*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

---

6 Afirmar isso é reconhecer também a possibilidade de uma descrição “extensiva” ou “macropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997) do *trecho*: o que corresponde, de fato, ao “ponto de vista” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007) mais frequente na literatura. É esse o caso das análises acima mencionadas; aquelas que, partindo das ou baseando-se nas instituições e agências do Estado, privilegiam (à la Bourdieu, por exemplo) a análise das categorias, sistemas classificatórios e lutas simbólicas. Ver, a esse respeito, a nota de pé de página n. 4, acima. No que diz respeito ao *trecho*, a articulação entre esses planos “micro” e “macro” – algo fundamental para Deleuze e Guattari (1997), e que certamente não é um problema de “escala” – é algo que ainda está por ser feito. Ou, então, colocando a questão de outro modo: o *trecho* parece ser um lugar particularmente fecundo para pensar as dificuldades e potencialidades relevantes a tal articulação enquanto problema para a antropologia de uma forma mais geral.

Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

ARAUJO, Wânia Maria. *População de Rua de BH: Reinvenção de Espaços Domésticos no Improvável da Moradia*. 2004. Dissertação (Mestrado em Gestão das Cidades) – Programa de Pós-Graduação em Gestão das Cidades, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BROGNOLI, Felipe. *Trecheiros e Pardais*. Estudo Etnográfico de Nômades Urbanos. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

BROGNOLI, Felipe. Com a cara no mundo: seguindo os rastros de nômades urbanos. In: MARQUES, Ana Cláudia; BROGNOLI, Felipe Faria; VILLELA, Jorge Luiz Mattar. *Andarilhos e cangaceiros: a arte de produzir territórios em movimento*. Itajaí: Ed. da Univali, 1999.

CARNEIRO, Ana. Um caso, um povo, uma televisão: formas análogas. *Mana*, v. 20, n. 3, p. 461-490, 2014.

COHEN, Jeffrey. Migration, remittances, and households strategies. *Annual Review of Anthropology* 40, v. 1, p. 103-114, 2011.

COMERFORD, John Cunha. Mapeamentos, familiarização e reputações: a sociabilidade agonística na roça. In: COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 25-39.

CORRÊA, Orlando. *Urrando no trecho: recordações de um engenheiro de obras*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1997. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia (v. 2). São Paulo: Editora 34, 1997.

ESTERCI, Neide. *Conflito no Araguaia*. Peões e posseiros contra a grande empresa. 1985. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. *Pisando fora da própria sombra*. A escravidão por dívida no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GARCIA, Clara Zeferino; CARVALHO, Marcos Castro; MARTINEZ, Mariana Medina; ZANETTI, Mariana Miranda. Vivendo no trecho: um Ensaio Etnográfico sobre “Moradores de Rua”. *Ponto Urbe*, v. 3, n. 8, p. 196-205, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis*. An essay in the organization of experience. Harmondsworth: Penguin Books, 1974.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis*. Movimentos e durações no norte de Goiás. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GUEDES, André Dumans. Abrir no mundo, rasgando o trecho: mobilidade popular, família e grandes projetos de desenvolvimento. *Cadernos de Campo*, v. 21, n. 21, p. 137-152, 2012a.

GUEDES, André Dumans. Padrões, Garimpeiros e Lideranças. Mediação e Política em um Movimento de Atingidos por Barragens. *Revista IDEAS*, v. 6, p. 65-99, 2012b.

GUEDES, André Dumans. *O trecho, as mães e os papéis*. Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. Rio de Janeiro: Garamond, 2013a.

GUEDES, André Dumans. Na estrada e na lama com Jorge, um brasileiro: trabalho e moradia nas fronteiras do desenvolvimento. *Horizontes Antropológicos*, ano 19, n. 39, p. 319-345, 2013b.

GUEDES, André Dumans. Fever, movement, passion and dead cities in northern Goiás. *Virtual Brazilian Anthropology* (Vibrant), Dossiê Etnografias da Economia, v. 11, n. 1, p. 56-95, 2014.

GUEDES, André Dumans. Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoa. *Mana*, v. 23, n. 3, p. 403-435, 2017.

GUEDES, André Dumans. Narrando, comparando e maldizendo andanças, pousos e alojamentos. *Ruris* – Revista do Centro de Estudos Rurais, Campinas, Dossiê Territorialidades dos Homens Errantes, 2020 (no prelo).

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge, 2011.

JUSTO, José Sterza; NASCIMENTO, Eurípedes Costa. Errância e delírio em andarilhos de estrada. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 2, p. 177-187, 2005.

LEITE LOPES, José Sérgio. Fábrica e vila operária. Consideração sobre uma forma de servidão burguesa”. In: LEITE LOPES, José Sérgio *et al.* (org.). *Mudança social no Nordeste*. A reprodução da subordinação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LONDON, Jack. *A Estrada*. Boitempo: São Paulo, 2008.

MAGALHÃES, Sonia Barbosa. *Gente de toda paragem*. Um estudo sobre a população afluyente numa Grande Obra. 1983. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1983.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Transformações nas Culturas Urbanas da Grandes Metrôpole*. [s. d.]. Disponível em: [https://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/transformacoes\\_cultura\\_urbana.pdf](https://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/transformacoes_cultura_urbana.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

MARQUES, Ana Claudia. Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco. Novos e velhos capítulos da colonização do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 83, p. 85-103, 2013.

MARTINS, José de Souza. Migrações temporárias. Problema para quem?. *Revista Travessia*, n. 1, p. 27-32, 1988.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MENDES, Mariana Villas Boas. *Os moradores de rua e suas trajetórias*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. *Nomadismos contemporâneos*. Um estudo sobre errantes trecheiros. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

PALMEIRA, Moacir; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *A invenção da migração*. Projeto Emprego e mudança sócio-econômica no Nordeste (Relatório de pesquisa). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1977. (mimeografado).

PARRY, Jonathan; BLOCH, Maurice. Introduction: money and the morality of exchange. In: PARRY, Jonathan; BLOCH, Maurice (ed.). *Money and the morality of exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PERES, Rodrigo Sanches. O desenho da figura de Machover aplicado em andarilhos de estrada. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 4, n. 1, p. 81-92, 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Developing the moonland: The Yacyreta hydroelectric dam and economic expansion in Argentina*. 1988. Graduate (Faculty in Anthropology), The City University of New York, New York, 1988.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *El Capital de la Esperanza*. La experiencia de los trabajadores em la construcción de Brasília. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.

ROCKEFELLER, Stuart Alexander. Flow. *Current Anthropology*, v. 52, n. 4, p. 557-578, 2011.

RUMSTAIN, Ariana. *Peões no trecho. Estratégias de trabalho e deslocamento no Mato Grosso*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Ângela M. Tude de. As políticas de gestão da força de trabalho e as condições de vida do trabalhador das obras barrageiras. *Revista Travessia*, n. 6, p. 25-28, 1990.

TEDESCO, Letícia da Luz. *No trecho dos garimpos: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Vrije Universiteit, Amsterdam, 2015.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Resistência e pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité, Bahia*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em



Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos Estudos*, n. 77, p. 91-126, 2007.

WOORTMANN, Klaas. Migração, Família e Campesinato. *In: WELCH, C. et al. (org.). Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, v. 1. São Paulo: Editora UNESP, 2009.